

MAYARA AUZIER DE SOUZA

**DESAFIOS À PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS
NO CURSO MEDICINA: UMA ANÁLISE SOBRE INCLUSÃO E
EQUIDADE NA EDUCAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Medicina da UFPA, campus Altamira,
como requisito parcial para a
obtenção de grau de Bacharelado em
Medicina.**

**Orientadora: Profa. Dra. Tracy
Martina M. Martins.**

**ALTAMIRA
2026**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE MEDICINA**

MAYARA AUZIER DE SOUZA

**DESAFIOS À PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS
NO CURSO MEDICINA: UMA ANÁLISE SOBRE INCLUSÃO E
EQUIDADE NA EDUCAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA**

**ALTAMIRA
2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A944d Auzier de Souza, Mayara.
DESAFIOS À PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES
QUILOMBOLAS NO CURSO MEDICINA: UMA ANÁLISE
SOBRE INCLUSÃO E EQUIDADE NA EDUCAÇÃO MÉDICA
BRASILEIRA / Mayara Auzier de Souza, Betina Elaine Moraes Da
Silva. — 2026.
XXVII, 21 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Tracy Martina Marques Martins
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Medicina,
Altamira, 2026.

1. Estudantes quilombolas; Equidade racial; Educação
médica; Permanência estudantil; políticas afirmativas.. I.
Moraes Da Silva, Betina Elaine. II. Título.

CDD 610.7

Dedico este trabalho a minha família que é meu alicerce, sem eles não conseguiria realizar o sonho da medicina. Dedico também com imenso orgulho, à minha comunidade quilombola Juquirizinho, origem da minha força, meus valores e meu compromisso com o cuidado humano. Cada conquista minha carrega a história de um povo que sempre acreditou na educação como instrumento de transformação.

MAYARA AUZIER DE SOUZA

**DESAFIOS À PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS
NO CURSO MEDICINA: UMA ANÁLISE SOBRE INCLUSÃO E
EQUIDADE NA EDUCAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Medicina da
UFPA, campus Altamira, como requisito
parcial para a obtenção de grau de
Bacharelado em Medicina.

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

Banca examinadora

Dra. Tracy Martina M. Martins (Orientadora)

Prof. Dra. Janete de Oliveira Briana (Membro examinador)

Prof. Mes. Ilka Lorena de Oliveira Farias (Membro examinador)

**ALTAMIRA
2026**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por conceder-me força e perseverança ao longo de toda a trajetória acadêmica, possibilitando que eu não desistisse diante das dificuldades enfrentadas. Agradeço, igualmente, àqueles que vieram antes de mim e que, mesmo sem acesso à universidade, transmitiram ensinamentos fundamentais sobre resistência, cuidado e amor ao próximo. Reconheço que minha caminhada é resultado de uma construção coletiva, sendo continuidade de uma história que nunca se calou.

Expresso minha profunda gratidão à minha família, que sempre se constituiu como meu alicerce, minha base e meu refúgio durante esse percurso. Agradeço por acreditarem em mim, mesmo diante de um caminho árduo, cansativo e, por vezes, solitário. Cada palavra de incentivo, gesto de apoio e sacrifício realizado foi essencial para que eu pudesse chegar até aqui. Este trabalho também é fruto do esforço e da dedicação de vocês.

À minha mãe, meu maior exemplo de força, coragem e amor, registro um agradecimento especial. Tudo o que sou carrega parte de sua história. Agradeço por nunca soltar minha mão, por ensinar-me a resiliência e por acreditar em meus sonhos, mesmo quando pareciam distantes. Sua luta diária foi fundamental para que eu alcançasse esta conquista. A conclusão deste curso representa, acima de tudo, uma forma de honrar sua trajetória e seu amor.

À comunidade quilombola Juquirizinho, agradeço por ensinar-me o verdadeiro significado de coletividade, cuidado e pertencimento. Levo comigo cada ensinamento, memória e luta compartilhada. Estar no curso de Medicina enquanto pessoa quilombola representa também um compromisso com essa comunidade, com nossa história e com a construção de nosso futuro.

À minha orientadora, Trayce Martina M. Martins, agradeço pela orientação, paciência e dedicação durante o desenvolvimento deste trabalho. Sua contribuição foi fundamental para meu crescimento acadêmico, assim como o respeito demonstrado à minha trajetória, às minhas vivências e à minha identidade.

Aos professores, colegas e a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada, expresso minha gratidão. Cada aprendizado, desafio e conquista contribuiu para a formação da profissional e da pessoa que venho me tornando.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela resistência, persistência e firmeza ao longo desse percurso, mesmo nos momentos em que a conclusão parecia inalcançável. Ser quilombola e concluir o curso de Medicina constitui um ato de resistência, coragem e esperança. Este trabalho representa não apenas o encerramento de uma etapa, mas a continuidade de um sonho coletivo.



DOI _____ | ISSN 2177-2770

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

DESAFIOS À PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS NO CURSO MEDICINA: UMA ANÁLISE SOBRE INCLUSÃO E EQUIDADE NA EDUCAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA

Mayara Auzier de Souza¹

Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Altamira (UFPA-CALTA),
Faculdade de Medicina, Altamira, PA, Brasil.

Betina Elaine Moraes da Silva²

Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Altamira (UFPA-CALTA),
Faculdade de Medicina, Altamira, PA, Brasil.

Tracy Martina Marques Martins³

Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Altamira (UFPA-CALTA),
Faculdade de Medicina, Altamira, PA, Brasil.

Resumo: A permanência de estudantes quilombolas nos cursos de Medicina constitui um desafio persistente no ensino superior brasileiro, marcado por intensas desigualdades raciais, sociais e territoriais. Nesse contexto, este artigo descrever, por meio de revisão narrativa da literatura (2013–2024), os principais obstáculos e estratégias que influenciam a trajetória desses estudantes. Este ensaio utilizou publicações disponíveis nas bases de dados SciELO, BVS, PubMed, Scopus e Web of Science para compreender os fatores associados a esse fenômeno. A análise indicou que o racismo estrutural e institucional, as dificuldades socioeconômicas, o abandono pedagógico e cultural, impactam negativamente a permanência e o desempenho acadêmico desses estudantes. De acordo

¹ Graduanda em Medicina na UFPA-CALTA. Atua em pesquisas sobre educação médica, equidade racial em saúde e permanência estudantil quilombola. E-mail: mayara.medicina20@gmail.com – ORCID <https://orcid.org/0009-0002-9927-1208>

² Graduanda em Medicina na UFPA-CALTA. Atua em pesquisas sobre educação médica e atenção à saúde da mulher. E-mail: betina.silva@ics.ufpa.br – ORCID <https://orcid.org/0009-0007-7501-8925>

³ Docente da Faculdade de Medicina da UFPA-CALTA. Atua no ensino, pesquisa e extensão sobre: comunicação e educação em saúde, epidemiologia, morfologia, microbiologia, química farmacêutica medicinal, farmacologia, saúde indígena e atenção à saúde da mulher. E-mail: tracy_martina@ufpa.br - ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0250-2234>



com a pesquisa a fundo, as políticas de assistência estudantil, tais como o Programa de Bolsa Permanência interna, ações afirmativas como programas de tutoria e/ou monitoria voltadas ao apoio acadêmico estudantil contribuem para a promoção de equidade no ensino superior. Nesse sentido, a formação médica demanda a efetivação de políticas intersectoriais, currículos antirracistas e práticas pedagógicas inclusivas que valorizem saberes e identidades quilombolas para garantir a permanência dos negros nos cursos de medicina.

Palavras-Chave: Estudantes quilombolas; Equidade racial; Educação médica; Permanência estudantil; políticas afirmativas.

CHALLENGES TO THE RETENTION OF QUILOMBOLA STUDENTS IN MEDICAL SCHOOL: AN ANALYSIS ON INCLUSION AND EQUITY IN BRAZILIAN MEDICAL EDUCATION

Abstract: The retention of quilombola students in medical degree programs constitutes a persistent challenge in Brazilian higher education, marked by intense racial, social, and territorial inequalities. In this context, this article analyzes, through a narrative literature review (2013–2024), the main obstacles and strategies that influence the academic trajectories of these students. This essay used publications available in the SciELO, BVS, PubMed, Scopus, and Web of Science databases to understand the factors associated with this phenomenon. The analysis indicated that structural and institutional racism, socioeconomic difficulties, and pedagogical and cultural neglect negatively impact the retention and academic performance of these students. According to the in-depth review, student assistance policies—such as internal Student Retention Scholarship Programs—and affirmative actions, including tutoring and mentoring initiatives aimed at academic support, contribute to the promotion of equity in higher education. In this sense, medical education requires the effective implementation of intersectoral policies, antiracist curricula, and inclusive pedagogical practices that value quilombola knowledge and identities in order to ensure the retention of Black students in medical degree programs.

Keywords: Quilombola students; Racial equity; Medical education; Student retention; Affirmative action policies.

DESAFÍOS PARA LA PERMANENCIA DE ESTUDIANTES QUILOMBOLAS EN EL CURSO DE MEDICINA: UN ANÁLISIS SOBRE INCLUSIÓN Y EQUITAD EN LA EDUCACIÓN MÉDICA BRASILEÑA

Resumen: La permanencia de estudiantes quilombolas en las carreras de Medicina constituye un desafío persistente en la educación superior brasileña, marcado por intensas desigualdades raciales, sociales y territoriales. En este contexto, el presente artículo



analiza, a través de una revisión narrativa de la literatura (2013–2024), los principales obstáculos y estrategias que influyen en la trayectoria académica de estos estudiantes. Este ensayo utilizó publicaciones disponibles en las bases de datos SciELO, BVS, PubMed, Scopus y Web of Science para comprender los factores asociados a este fenómeno. El análisis indicó que el racismo estructural e institucional, las dificultades socioeconómicas y el abandono pedagógico y cultural impactan negativamente la permanencia y el rendimiento académico de estos estudiantes. De acuerdo con la revisión en profundidad, las políticas de apoyo estudiantil —como los programas institucionales de becas de permanencia— y las acciones afirmativas, tales como los programas de tutoría y/o mentoría orientados al apoyo académico, contribuyen a la promoción de la equidad en la educación superior. En este sentido, la formación médica requiere la implementación efectiva de políticas intersectoriales, currículos antirracistas y prácticas pedagógicas inclusivas que valoren los saberes y las identidades quilombolas, con el fin de garantizar la permanencia de la población negra en los estudios de Medicina.

Palabras-clave: Estudiantes quilombolas; Equidad racial; Educación médica; Permanencia estudiantil; Políticas afirmativas.

DÉFIS LIÉS AU MAINTIEN DES ÉTUDIANTS QUILOMBOLAS DANS LE CURSUS DE MÉDECINE : UNE ANALYSE SUR L'INCLUSION ET L'ÉQUITÉ DANS L'ENSEIGNEMENT MÉDICAL BRÉSILIEN.

Résumé: La permanence des étudiants quilombolas dans les cursus de médecine constitue un défi persistant de l'enseignement supérieur brésilien, marqué par d'intenses inégalités raciales, sociales et territoriales. Dans ce contexte, cet article analyse, à travers une revue narrative de la littérature (2013–2024), les principaux obstacles et les stratégies qui influencent le parcours académique de ces étudiants. Cet essai a utilisé des publications disponibles dans les bases de données SciELO, BVS, PubMed, Scopus et Web of Science afin de comprendre les facteurs associés à ce phénomène. L'analyse a montré que le racisme structurel et institutionnel, les difficultés socio-économiques ainsi que l'abandon pédagogique et culturel ont un impact négatif sur la permanence et la performance académique de ces étudiants. Selon l'analyse approfondie de la littérature, les politiques d'aide aux étudiants — telles que les programmes institutionnels de bourses de maintien — ainsi que les actions affirmatives, comme les programmes de tutorat et/ou de mentorat orientés vers le soutien académique, contribuent à la promotion de l'équité dans l'enseignement supérieur. Dans cette perspective, la formation médicale requiert la mise en œuvre effective de politiques intersectorielles, de curriculums antiracistes et de pratiques pédagogiques inclusives qui valorisent les savoirs et les identités quilombolas, afin de garantir la permanence des populations noires dans les cursus de médecine.

Mots-clés : Étudiants quilombolas; Équité raciale; Enseignement médical; Maintien des étudiantes; Politiques affirmatives.



INTRODUÇÃO

Historicamente, a população afrodescendente no Brasil é cotidianamente estigmatizada pelos efeitos persistentes da escravização e de sua abolição sem políticas efetivas de inclusão social, fato que resultou em um progressivo distanciamento do acesso a direitos fundamentais, especialmente no campo econômico. Esse vestígio histórico contribuiu para a manutenção de desigualdades estruturais que ainda impactam de forma significativa as condições financeiras e as oportunidades educacionais dessa parcela da população (CABRAL, 2022).

As lutas enfrentadas pelos povos quilombolas pelo direito ao acesso à educação superior estão intimamente relacionados aos movimentos por justiça social e a reivindicação de direitos. Ao longo de várias décadas, os movimentos sociais quilombolas expuseram a exclusão educacional que seus integrantes enfrentam nas universidades, levando a um desenvolvimento gradual de políticas públicas que reconhecessem essa situação e buscassem fomentar inclusão e igualdade (MEIRELES, 2020).

O ingresso de estudantes quilombolas às universidades, em especial nos cursos de graduação em medicina, representa não apenas uma conquista histórica, mas também a capacidade de permanência em espaços institucionais que ainda se mostram pouco sensíveis às suas trajetórias, identidades e contextos socioculturais. Mesmo após a implementação das políticas de ações afirmativas — especialmente a Lei nº 12.711/2012, atualizada pela Lei nº 14.723/2023 — que ampliaram o acesso às universidades federais, os desafios relacionados à permanência e ao êxito acadêmico de estudantes quilombolas persistem (SANTOS, 2017).

Todavia, mesmo com estes marcos regulamentares de ampliação do acesso, o discente quilombola ainda enfrenta barreiras de natureza cultural e territorial no espaço universitário. Destaca-se a ocultação da identidade deste grupo para autoproteção diante de cenários acadêmicos marcados pelo preconceito, discriminação e estigmatização (SILVA, 2023). Por conseguinte, tal invisibilização compromete a continuidade acadêmica, visto que o ingresso ao curso não acompanha políticas pedagógicas e institucionais antirracistas (FREDRICH *et al.*, 2022). Além disso, a trajetória deste implica o enfrentamento do deslocamento de seus territórios de origem e da adaptação a



novos contextos socioculturais, configurando um processo de ruptura e reconstrução de projetos de vida (MEIRELES, 2020).

Em um cenário em que a própria formação médica ainda enfrenta dificuldades para superar práticas e concepções marcadas pelo racismo estrutural, a trajetória de estudantes quilombolas evidencia que os desafios a permanência não se configuram apenas como um entrave individual, mas como obstáculos institucionais e históricos. As dificuldades incluem, por exemplo, as desigualdades no acesso ao conhecimento prévio exigido para a permanência no curso. Logo, demanda-se um chamado coletivo, desde o início da formação profissional, para a construção de uma educação médica que reconheça as assimetrias educacionais de origem, que aprecie saberes diversos e que se comprometa com o cuidado e a valorização das vidas negras (CABRAL, 2022).

Dessa forma, foram instituídas políticas afirmativas voltadas a assegurar tanto o acesso quanto a permanência de estudantes quilombolas nas universidades públicas brasileiras. Essas iniciativas incluem a reserva de vagas nos processos seletivos — a exemplo dos Processos Seletivos Especiais (PSE) para indígenas e quilombolas adotados por instituições federais como a UFRB, UFPel, UFPA, UFRR, UFOPA, UFRA, Unifesspa, entre outras — bem como a implementação de programas de assistência estudantil, a exemplo dos programas de tutoria discentes e das bolsas financeiras de permanência, cujo objetivo é mitigar as desigualdades socioeconômicas e educacionais que afetam esse segmento populacional (BRASIL, 2012; SANTOS, 2017; ESTEVAM *et al.*, 2018; BRASIL, 2023). O Programa de Bolsas Permanência (PBP), criado pelo Ministério da Educação em 2013, é um exemplo. Este programa objetiva assegurar a continuidade no curso de nível superior por meio de suporte financeiro (BRASIL, 2013).

Valorizar as experiências quilombolas no desenvolvimento das competências médicas contribui para a construção de uma país mais justo e inclusivo. A democracia deveria aclarar uma educação inclusiva e diversificada, em sintonia com a realidade social (CAMPOS, 2016). Diante do exposto, este estudo objetivou descrever, discutir e analisar os obstáculos e estratégias que influenciam a trajetória de quilombolas em cursos de graduação em medicina. E, por conseguinte, ampliar o debate acadêmico e político, de igualdade racial na educação médica, destacando a importância de estudantes



quilombolas na estruturação de uma formação médica comprometida com a justiça social, diversidade e direitos humanos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo ensaio acadêmico, utilizando-se uma revisão narrativa da literatura. Para elaboração teórica, as bases de dados SciELO, BVS, PubMed, Scopus e Web of Science foram utilizadas; selecionando-se publicações de 2013 a 2025, que tratavam sobre: racismo estrutural, racismo institucional, dificuldades socioeconômicas, obstáculos, abandono pedagógico e cultural, estratégias que influenciam a trajetória de estudantes quilombolas em graduação. A revisão narrativa foi conduzida após a leitura e análise das obras selecionadas, e as discussões pertinentes foram realizadas, de acordo com as categorias construídas.

DO QUILOMBO ÀS COTAS: CAMINHOS DA INCLUSÃO DE QUILOMBOLAS NO ENSINO SUPERIOR

Para iniciar a discussão sobre o tema, é válido definir os conceitos de quilombo e quilombolas. De maneira simplificada, o quilombo trata-se do território habitado por descendentes de africanos escravizados, que estruturam sua realidade de vida com base na preservação de sua identidade física, social e cultural. Enquanto isso, o quilombola é designação referente à pessoa pertencente a essa comunidade, residentes em áreas rurais e urbanas, cujos laços são historicamente enraizados na extensão territorial, em tradições, no seio da família e em práticas culturais que lhes pertencem através da história (DA SILVA, 2022).

Assim, é fundamental mencionar que ao longo da história, os quilombolas têm pleiteado pela sua inclusão no ensino superior, um esforço promovido por um movimento significativo que visa justiça social e do reconhecimento de seus direitos. Nas últimas décadas, os movimentos sociais quilombolas tem apontado que as formas de exclusão e exclusividade elitista existentes no ambiente acadêmico vivenciadas por muitos estudantes, exercem influência negativa direta na permanência dos discentes no ensino superior, principalmente no curso de medicina (SALVIANO, 2020).



Os discentes quilombolas trazem consigo a experiência, o conhecimento e a sabedoria de suas próprias comunidades. Estes saberes sobre saúde e medicina tradicional, presente na rotina das comunidades, frequentemente é negligenciado pela Academia. A presença desses alunos em cursos de graduação em medicina contribui para o desenvolvimento de um novo perfil de profissionais que, ao iniciarem suas atividades laborais, tornar-se-ão sensíveis às diferenças entre grupos raciais, territoriais e culturais (SALVIANO, 2020).

Dito isso, tal percurso não se limita à busca por reconhecimento individual, mas está diretamente associado à formação de médicos comprometidos com o atendimento das demandas de saúde das populações quilombolas e com a descentralização da prática médica, contribuindo para a redução das desigualdades no acesso à saúde e para a renovação da medicina brasileira (SALVIANO, 2020).

A Constituição Federal garante igualdade e respeito à diversidade como princípios fundamentais; faz-se necessário analisar os desdobramentos da permanência de estudantes quilombolas no ensino superior. Este campo de discussão contribui para minimizar a lacuna existente quanto à importância histórica das ciências acadêmicas, adicionadas aos desafios persistentes que marjeiam as boas práticas institucionais, específicas às dificuldades em que ainda demandam aprimoramento (DOS SANTOS MAIA, 2024; SANTOS, 2025).

Conforme os princípios do jurídico brasileiro garantido pela Constituição Federal, as cotas raciais nas universidades públicas assegurada pela Lei n 12.711/2012, abrem caminhos para o ingresso e permanência de estudantes quilombolas no ensino do curso de graduação de medicina. Embora exista legislação que garanta o acesso ao ensino superior e diretrizes voltadas à promoção da permanência desses estudantes nos cursos de medicina, observa-se que ainda há um longo percurso a ser enfrentado. Isso se deve ao fato de que o apoio institucional deve abordar amplamente os fatores envolvidos nos aspectos socioeducativos, econômicos, psicopedagógicos e culturais (BRASIL, 2023).

Segundo Freitas (2023), as vagas reservadas para os quilombolas em instituição pública são um avanço significativo no direito à educação, no entanto, por si só, não garantem a permanência e o sucesso desses estudantes, que lutam com vários fatores sociais, culturais e institucionais. Ao entrarem no ensino superior, os estudantes



quilombolas comumente encontra diferentes obstáculos que se estendem da admissão até a graduação. Dito isso, muitos alunos não encontram o suporte adequado na instituição para adaptar-se ao ambiente acadêmico como programas de tutorias e /ou monitorias, o que pode fragilizar sua autoestima nos estudos, devido alta cobrança exigidas pelo curso de modo que pode influenciar nas elevadas taxas de evasão, especialmente em cursos da área da saúde, como Medicina (ESTEVAM *et al.*, 2028; OLIVEIRA, 2025).

A MEDICINA EUROCULTURAL BRASILEIRA: TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIA DOS QUILOMBOLAS NO CURSO DE GRADUAÇÃO

O currículo tradicional dos cursos de graduação em medicina do Brasil está embasado nas teorias, práticas e visões culturais europeias, o que se torna um enorme prejuízo as áreas de atendimento e formação médica alinhadas às realidades locais, em especial da comunidade negra e quilombola. (SIMON, 2025). Deste modo, a desigualdade social na perspectiva da educação e formação em saúde torna-se um impacto negativo e com viés duplo, uma vez que as barreiras estruturais impedem integrantes de grupos historicamente marginalizados como negros e/ou quilombolas de entrarem ou concluírem cursos de saúde impedindo estes de terem oportunidades de desenvolvimento profissional e mobilidade social (FELDMANN; CABRAL LIBÓRIO, 2023).

A graduação em medicina é frequentemente percebida como um espaço impregnado por racismo estrutural e elitismo, fato que demonstra as altas taxas exclusão que dificultam a continuidade de alunos quilombolas nessa área acadêmica. O racismo se manifesta de maneira naturalizada nas ações institucionais, nas políticas educacionais, nos processos de seleção e na cultura universitária em geral, gerando uma rotina excludente que favorece, principalmente, indivíduos brancos e de classes sociais mais privilegiadas (CABRAL, 2023).

A elitização no curso de medicina reforça a exclusão de quilombolas, visto que, a trajetória de vida e educacional desses, muitas das vezes, são marcadas por limitações estruturais de acesso educação básica e sua baixa qualidade, comparados a educação dos alunos de renda alta (BRAGA, 2020). Além disso, a carência de representatividade docente e discente negra nesses cursos contribuem para um ambiente hostil e pouco



acolhedor, revelando desigualdade na realidade dos quilombolas em relação a jornada educacional universitária e consequentemente impactando negativamente o desempenho acadêmico, a saúde mental e a permanência desses estudantes no ensino superior (BERNARDINO-COSTA; MOURA, 2023).

É evidente que o racismo institucional representa um dos obstáculos à inclusão e ao êxito de alunos quilombolas nos cursos de Medicina no Brasil o que indica que esses problemas são particularmente acentuados nesse ambiente, o que pode estar ligado a currículos que não abordam adequadamente as relações étnico-raciais ou à predominância de um "pacto narcísico da branquitude", ou seja, espaços onde a branquitude é a norma invisível e dominante (GALIETA, 2025).

Oliveira *et al.* (2025) destacam que, embora o ingresso no ensino superior represente um desafio significativo, a permanência e o êxito acadêmico dos estudantes quilombolas são constantemente ameaçados por um ambiente acadêmico que não está preparado para acolhê-los e que, frequentemente, reproduz estruturas racistas da sociedade brasileira.

Segundo Rosato *et al.*,

Pode-se observar que, mesmo após tantos anos, a visão negativa sobre as cotas raciais ainda prevalece muito na sociedade. Isso pode ser um fator gerador de sofrimento e constrangimento para os beneficiários dessa política, pois ainda que pessoalmente eles tenham ciência de que é um direito conquistado, as configurações subjetivas dos grupos sociais sempre se presentificam e se interrelacionam com a subjetividade individual (ROSATO *et al.*, 2024, p.16)

A partir das reflexões do autor, percebe-se que, apesar do tempo, a inclusão de indivíduos quilombolas nas universidades públicas continuam sendo impedida pelo racismo persistente e profundamente enraizado na sociedade. Isso é especialmente evidente no curso de medicina, nos quais ainda prevalece, em determinados segmentos sociais, a concepção elitista de que essa formação não deveria possuir diferentes meios



de acesso e permanência. Essa perspectiva negativa em relação às cotas ignora sua função como uma política de reparação e desconsidera as lutas históricas dos antepassados dos quilombolas (ROSATO, 2024).

Além disso, o comprometimento com a construção de um sistema de saúde mais diversos, equitativo e capaz de responder as demandas está diretamente relacionado à diversidade sociocultural dos profissionais de saúde. Quando esses profissionais são de origens diversas tendem a incorporar perspectivas únicas e amplas das realidades e necessidades específicas de suas comunidades. Em contraponto, a carência dessa diversidade resulta em um tratamento de saúde menos culturalmente competente e sensível, ocasionando para a manutenção de iniquidades nos cuidados em saúde (WHO, 2013).

O RACISMO ACADÊMICO E SUAS REPERCUSSÕES NAS ESFERAS SOCIOCULTURAL E SOCIOECONÔMICA

O racismo se manifesta em diversas etapas, desde as noções sociais discriminatórias sobre o método de ingresso e de seleção de vagas até a vivência diária nos ambientes acadêmicos. Estudantes quilombolas, em particular, enfrentam tanto discriminações sutis quanto abertas, em razão de seu déficit de conhecimento básico devido à má infraestrutura educacionais nas comunidades quilombolas necessários para o ingresso no ensino superior, especialmente no curso de medicina, na qual exige um alto aprendizado da educação básica, fato este que é deficitário na educação quilombola (FREDRICH *et al.*, 2022).

Assim, essas vivências no ambiente educacional, impactam de maneira significativa a autoestima, a motivação e a autoconfiança dos quilombolas, prejudicando seu rendimento acadêmico. Além disso, a própria forma das avaliações individuais, que se baseiam em conteúdos complexos e linguagens que não dialogam com o vocabulário cultural quilombola. Logo, isso colabora para a manutenção de um modelo seletivo que exclui essa minoria e favorece perfis socioeconômicos mais afortunados reforçando a escassa representatividade de quilombolas em cursos de alta valorização, como a medicina (CABRAL, 2023).



Ademais, as desigualdades socioeconômicas fazem parte também dos entraves enfrentados pelos alunos quilombolas em sua vida acadêmica, sobretudo de forma mais intensa, devido ao alto custo com materiais de estudos e pressões emocionais elevadas (BRAGA, 2020). Desse modo, ao ingressarem na universidade, os desafios persistem e intensificam-se, sobretudo devido aos altos custos relacionados à moradia, alimentação, transporte, materiais acadêmicos e às exigências dos estágios e além das atividades extracurriculares obrigatórias nos cursos de Medicina, que muitas vezes requerem longos deslocamentos e dedicação exclusiva (MEIRELES, 2020).

Dito isso, embora existam políticas institucionais de permanência estudantil - como bolsas financeiras, moradia universitária, alimentação subsidiada e apoio psicossocial - sua abrangência limitada e o número restrito de vagas demonstram que essas iniciativas têm eficiência insuficiente para atender a demanda existente. Tal fato, agrava o quadro de vulnerabilidade, resultando em evasão, sofrimento psíquico e insegurança alimentar. Para os estudantes quilombolas, essas barreiras econômicas são mais impactantes quando entrelaçadas com as dimensões do racismo estrutural, da invisibilidade cultural e da desconsideração institucional de suas identidades étnico-raciais, o que compromete a construção de um ambiente acadêmico acolhedor e inclusivo (DOS SANTOS, 2023; SANTOS, 2025).

Dessa forma, torna-se essencial compreender que os impactos das dificuldades socioeconômicas na formação médica de estudantes quilombolas a partir de uma abordagem interseccional, que integre os fatores econômicos, sociais, históricos e culturais que moldam as desigualdades educacionais. É imprescindível que as políticas públicas de acesso e permanência considerem essas especificidades para que seja possível garantir equidade na formação médica e promover justiça social dentro das universidades brasileiras (BRAGA, 2020).

De acordo com Amoras (2022), também são entraves para a permanência qualificada de estudantes quilombolas a falta de apoio psicopedagógico e de acolhimento cultural nas instituições no curso de Medicina. Essa lacuna afeta diretamente a saúde mental, o desempenho acadêmico e o sentimento de pertencimento desses alunos, que lidam com dificuldades extras resultantes de suas trajetórias sociais e educacionais. Vale



a pena elucidar que a formação médica é marcada por uma alta demanda emocional, cognitiva e física, impondo aos alunos rotinas intensas e exaustiva, conteúdos de grande complexidade e um ambiente geralmente competitivo, o que exige uma considerável capacidade de adaptação e resiliência (SALVIANO, 2020).

A falta de profissionais capacitados para oferecer acompanhamento psicológico sensível à realidade quilombola, aliada à escassez de políticas institucionais de acolhimento, contribuem para o aumento de quadros de ansiedade, depressão, baixo rendimento acadêmico e evasão (SILVA, 2022). Além disso, a ausência de metodologias de ensino inclusivas, de mecanismos de flexibilização avaliativa e de espaços de diálogo intercultural aprofunda o sentimento de isolamento e não pertencimento, intensificando os efeitos da exclusão simbólica e institucional (SALVIANO, 2020).

Para os estudantes quilombolas, tais exigências se somam a um contexto histórico de exclusão social e racial, marcado pela invisibilidade de suas trajetórias no espaço acadêmico, nos espaços decisórios e entre os pares e docentes (FELDMANN; CABRAL LIBÓRIO, 2023). A inexistência de ações psicopedagógicas direcionadas às suas especificidades perpetua um modelo educacional eurocentrado e monocultural, que desconsidera as singularidades culturais, sociais e territoriais desses sujeitos. Logo, ressalta-se cada vez mais a necessidade de ampliação das políticas de assistência estudantil e apoio psicopedagógico como fundamentais para promoção da equidade na permanência no ensino superior dos quilombolas, especialmente em cursos integrais e exigentes como Medicina (MEIRELES, 2020).

Nesse contexto, o Programa de Bolsa Permanência (PBP), do Ministério da Educação, oferece apoio financeiro mensal a estudantes vulneráveis, com prioridade para indígenas e quilombolas, desde que matriculados em cursos presenciais de instituições federais. Assim, contribui para a valorização da diversidade étnico-racial na universidade e para a formação de profissionais de saúde mais sensíveis às necessidades de populações marginalizadas (SOUZA, 2021).

Sob outro viés, mesmo com a carência de acolhimento para os quilombolas, algumas instituições públicas, aderem as políticas de reparação com projetos de tutorias, monitorias e acolhimento institucional que representam estratégias fundamentais para a



permanência, o desempenho acadêmico e o bem-estar psicossocial de estudantes quilombolas no ensino superior, especialmente na formação médica, que se apresenta como um dos cursos mais exigentes e excludentes do ponto de vista estrutural e simbólico (FELDMANN; CABRAL LIBÓRIO, 2023). Por exemplo, este tipo de programa quando efetivamente implementado de forma sensível às especificidades étnico-raciais e culturais, atua como um suporte pedagógico e emocional, permitindo a construção de vínculos entre estudantes e docentes, favorecendo a adaptação ao ambiente universitário e o enfrentamento das barreiras impostas pelo racismo estrutural (AMORAS, 2022).

Alencar e colaboradores (2021), ressaltam que a monitoria, por sua vez, além de contribuir com a consolidação dos conteúdos teóricos e práticos, permite que estudantes quilombolas atuem como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem, fortalecendo o seu conhecimento e sua identidade acadêmica. Para Amoras e colaboradores (2022), os projetos de acolhimento institucional devem ir além das ações pontuais do início do curso, sendo pensados como processos contínuos e interseccionais que considerem não apenas as questões acadêmicas, mas também os aspectos socioeconômicos, culturais e territoriais que atravessam a trajetória desses estudantes.

Deste modo, tais iniciativas devem ser institucionalizadas com políticas claras, cursos suplementares de formação antirracista para servidores e docentes, além de parcerias com movimentos sociais quilombolas e lideranças comunitárias, garantindo que o acolhimento e o apoio para que não reproduzam práticas assistencialistas ou assimilacionistas, mas sim, promovam uma universidade plural, equitativa e verdadeiramente inclusiva (DOS SANTOS MAIA, 2024; SILVA et.al., 2025).

Nesse sentido, esses projetos assumem um papel estratégico na transformação da universidade em um espaço de resistência, pertencimento e valorização dos saberes ancestrais, contribuindo diretamente para a formação de médicos comprometidos com a justiça social e a saúde das populações historicamente marginalizadas (SIMON, 2025).

A DESELITIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO MÉDICA: DESAFIOS PARA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA MEDICINA



As pesquisas existentes sobre a permanência de estudantes quilombolas no curso de Medicina ainda são escassas e, quando disponíveis, geralmente apresentam abordagem superficial. Isso mostra como esses estudantes ainda têm pouca visibilidade no âmbito da educação médica. Além disso, a falta de dados organizados sobre estudantes quilombolas, incluindo formas de ingresso, permanência e evasão, dificultam tanto a criação de políticas públicas eficazes quanto o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que acolham de fato esses alunos (SALVIANO, 2020).

Ademais, a literatura aborda de maneira mais ampla as populações negras ou rurais, sem direcionar especificamente para o pertencimento quilombola, em seus contextos educacionais, na territorialidade ou na ancestralidade que compõe sua identidade. Também é visto, que é pouco discutido o que ocorre no ambiente acadêmico quanto aos impactos do racismo estrutural e da instituição vivenciados por estudantes quilombolas, tanto nas universidades quanto nos espaços hospitalares (CABRAL, 2022).

Prado (2023), argumenta que a maioria das pesquisas sobre comunidades quilombolas é realizada por pessoas e instituições externas às comunidades locais. Essa abordagem ratifica as formas de obtenção de conhecimento, tal qual o período colonial, ou seja, desvaloriza-se o saber comunitário, ignorando como elas resistem aos problemas do cotidiano. É fundamental promover a pesquisa científica realizada com e pelas comunidades, e não meramente a respeito delas. Deve-se enfatizar a importância de que as pesquisas estejam ajustadas ao contexto local e reconheçam as narrativas, os saberes e as experiências das comunidades quilombolas, de modo a contribuir para o desenvolvimento de uma Medicina socialmente comprometida, justa e inclusiva, enraizada nas realidades territoriais e culturais desses sujeitos. Tal perspectiva contrapõe-se às abordagens externas que, historicamente, foram consideradas como “superiores”, mas que frequentemente desconsideram os conhecimentos produzidos no interior das próprias comunidades.

Para que a construção de uma educação médica seja menos preconceituosa, a sociedade necessita de reconhecimento ativo das desigualdades históricas e estruturais que afetam a população negra e quilombola no Brasil, além das instituições de ensino terem o compromisso com a promoção de justiça social. Ressalta-se também a



necessidade de reformulação dos currículos dos cursos de Medicina, com a inclusão de componentes que abordem a história da população negra, os impactos do racismo estrutural na saúde, a medicina tradicional quilombola, os saberes ancestrais e a valorização das práticas culturais dos povos originários e afrodescendentes (CABRAL, 2022).

É igualmente essencial implementar metodologias educacionais que incentivem a escuta atenta, o diálogo entre culturas e a contextualização social das práticas médicas, superando abordagens eurocêntricas e universalistas. A preparação de profissionais de saúde deve incluir uma postura crítica e ética, focada na equidade racial, e a formação contínua dos educadores em questões relacionadas às relações étnico-raciais é indispensável (SIMON, 2025).

Outro ponto relevante é o estímulo à pesquisa científica focada nas particularidades da saúde da população quilombola, reconhecendo a produção de conhecimento realizada por pesquisadores negros e quilombolas. A participação ativa de alunos quilombolas nas instituições de ensino superior, combinada com políticas de permanência e acolhimento, favorece a criação de um ambiente acadêmico mais diversos e enriquecedor e atento às diversas realidades (FELDMANN; CABRAL LIBÓRIO, 2023).

Assim, a educação médica sem discriminação e intercultural deve ser vista como um projeto pedagógico e político, coletivo e transversal, que visa formar médicos engajados na transformação social e na promoção da saúde em sua forma mais abrangente e inclusiva (DOS SANTOS, 2022). Logo, o fortalecimento das políticas de equidade no ensino superior de saúde requer um conjunto integrado de recomendações que levem em conta as particularidades históricas, sociais e culturais das comunidades quilombolas e outros grupos minoritários. Em primeiro lugar, é fundamental que as universidades assumam um compromisso institucional com a equidade racial, garantindo que o tema seja integrado aos projetos pedagógicos dos cursos, como monitorais e tutorias (ALENCAR, 2021). Isso deve incluir a obrigatoriedade de disciplinas que tratem da saúde da população negra e quilombola, do racismo estrutural e de seus efeitos na formação e na prática médica (LAKRA *et al.*, 2023).



De Souza Oliveira (2024) destaca a importância de garantir a expansão e o aprimoramento de políticas afirmativas, como cotas raciais, em conjunto com mecanismos de permanência estudantil, como bolsas de estudo, moradia, alimentação e suporte psicossocial. Isso é fundamental para assegurar que os estudantes quilombolas possam ingressar, permanecer e concluir seus cursos com qualidade. Além disso, aborda um aspecto crucial: o incentivo à formação continuada de professores e gestores, com foco na educação antirracista, decolonial e intercultural, com o objetivo de criar ambientes acadêmicos mais inclusivos, críticos e receptivos.

Por fim, é essencial o envolvimento direto de lideranças quilombolas na elaboração, execução e avaliação das políticas educacionais, garantindo que estas não sejam apenas para os quilombolas, mas construídas com eles, respeitando sua autonomia e saberes tradicionais. Essas recomendações não apenas contribuem para a justiça social e reparação histórica, como também qualificam o ensino médico ao promover uma formação comprometida com a diversidade, a equidade e a saúde integral das populações historicamente vulnerabilizadas (FELDMANN; CABRAL LIBÓRIO, 2023).

A análise da literatura revelou um conjunto significativo de desafios enfrentados por estudantes quilombolas no curso de medicina. Os principais obstáculos identificados, destacam-se o racismo estrutural e institucional, evidenciado tanto nos processos seletivos quanto na vivência acadêmica cotidiana. A elitização histórica da formação médica reforça essas barreiras, tornando o acesso e a permanência desses estudantes um percurso marcado por desigualdade (CABRAL, 2022).

Além disso, vale ressaltar também que as dificuldades socioeconômicas, tais como a precariedade no acesso à moradia estudantil, alimentação e transporte, impactam diretamente na continuidade dos estudos, de modo que ocorra evasão dos estudantes (CAMPOS, 2016). Cabe mencionar que a ausência de suporte psicopedagógico e de ações que valorizem a identidade cultural quilombola, contribuem para o isolamento acadêmico e psicológico desses estudantes. Fato este que afeta de forma direta a permanência deste no curso de medicina devido à alta exigência que o curso por si exige (AMORAS, 2022).



Outrossim, evidenciou-se nas pesquisas que a distância territorial entre os quilombolas e os centros urbanos universitários intensifica a desconexão cultural, dificultando ainda mais a adaptação e permanência no ambiente acadêmico (MEIRELES, 2020). Por outro lado, a literatura destaca algumas estratégias de permanência que têm contribuído positivamente, entre elas, sobressaem as políticas de assistência estudantil: em especial o Programa de Bolsa Permanência (BRASIL, 2013). As ações afirmativas internas, como reservas de vagas e flexibilizações curriculares, assim como os projetos de tutoria, monitoria e acolhimento institucional, contribuem para a permanência e sucesso de estudantes historicamente sub-representados (SILVA, 2016; ESTEVAM, 2018). Os estudos de Amoras (2022), Campos (2016) e Feldmann e Cabral Libório (2023) oferecem relatos de experiências que exemplificam essas práticas, especialmente no contexto da Universidade Federal do Pará (UFPA).

De acordo com a análise da literatura, os resultados deste trabalho reforçam o entendimento de que a permanência de estudantes quilombolas nos cursos de Medicina envolve múltiplas dimensões, incluindo fatores econômicos, sociais, pedagógicos e simbólicos. Nesse contexto, o racismo institucional — presente nas práticas pedagógicas, nas relações interpessoais e nas estruturas administrativas das universidades — atua como um mecanismo de exclusão, mesmo após o ingresso desses estudantes por meio das políticas de cotas (BERNARDINO-COSTA; MOURA, 2023).

Autores como Bernardino-Costa e Moura (2023) ressaltam que a permanência de estudantes quilombola deve ser vista como uma questão de justiça social, e não apenas como um problema de evasão universitária. A diferença entre os conhecimentos tradicionais quilombolas e os currículos biomédicos dos cursos de saúde mostram a necessidade urgente de reformulações nos currículos, de modo a incluir diferentes formas de conhecimento. Assim, é possível promover uma educação médica mais antirracista e intercultural. Portanto, a falta de diversidade no currículo pode gerar um sentimento de não pertencimento, afetando a saúde mental e o desempenho acadêmico desses estudantes.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise contextual mostrou que os estudantes quilombolas lidam com muitos desafios para conseguir permanecer no curso de medicina, desde o processo de ingresso até a conclusão do curso. Não é raro que alguns discentes desistam pelo caminho, justamente por causa das dificuldades acumuladas ao longo da trajetória acadêmica.

Ao ingressarem no ensino superior, esses estudantes enfrentam o racismo institucional, somado às desigualdades socioeconômicas e às dificuldades no campo psicopedagógico. Ademais, o distanciamento entre os territórios quilombolas e o espaço universitário produz rupturas simbólicas e materiais que impactam diretamente o cotidiano acadêmico e comprometem a permanência desses estudantes na universidade.

Por outro lado, políticas públicas como o Programa de Bolsa Permanência, ações afirmativas internas e diferentes iniciativas de acolhimento têm mostrado resultados importantes para apoiar a trajetória desses estudantes. Mesmo assim, para que essas estratégias realmente promovam equidade e garantam a permanência na universidade, elas precisam ser adotadas de forma ampla, contínua e com respaldo político e financeiro.

Este estudo destacou as principais evidências sobre o tema e reforçou a necessidade de uma educação médica que valorize a justiça racial e os saberes tradicionais das comunidades quilombolas. Para avançar, é essencial que pesquisas futuras incluam a escuta direta dos estudantes quilombolas, buscando compreender suas vivências com mais profundidade. A partir dessas experiências, será possível construir caminhos para uma formação médica verdadeiramente inclusiva, antirracista e socialmente comprometida.



REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Cristina Macedo; RASCKE, Karla Leandro; SANTOS, Jheyciele Naira dos. O programa de apoio ao estudante quilombola (PAEQUI) como política de permanência numa universidade da Amazônia (UNIFESSPA-PA). *Escritas do Tempo*, v. 3, n. 7, p. 124–146, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1547>. Acesso em: 29 nov. 2025.

AMORAS, Maria; COSTA, Solange Maria Gayoso da; SILVA, Derick Luan Ferro da. Educação superior e a permanência de estudantes indígenas e quilombolas na UFPA. *Revista de Estudos em Relações Interétnicas | Interethnica*, v. 23, n. 1, p. 38–71, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/25252>. Acesso em: 29 jul. 2025.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MOURA, Cláudia P. de. Jalecos brancos: trajetória e desempenho de cotistas do curso de Medicina da UnB. *Educação & Sociedade*, v. 44, p. e271267, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/es.271267>.

BRAGA, Maria do Rosário de Fatima et al. AÇÕES AFIRMATIVAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ANÁLISE DE SIGNIFICADOS DE POLÍTICAS E AÇÕES INSTITUCIONAIS PARA ACESSO DO ESTUDANTE AUTODECLARADO NEGRO NOS CURSOS DE MEDICINA E LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NA UFMA. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e instituições federais de ensino técnico de nível médio. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em: 27 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 389, de 9 de maio de 2013. Institui o Programa Bolsa Permanência. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2013.

BRASIL. Lei nº 14.723, de 14 de outubro de 2023. Altera dispositivos sobre [tema da lei, ex.: cotas ou educação, se for o caso]. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 16 out. 2023. Disponível em: [URL oficial da lei]. Acesso em: 27 dez. 2025.

CABRAL, Maria Paula Gomes et al. Educação médica, raça e saúde: o que falta para a construção de um projeto pedagógico antirracista? *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 46, n. 4, e133, 2022.

CAMPOS, Laís Rodrigues. *Do quilombo à universidade: trajetórias, relatos, representações e desafios de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará – Campus Belém quanto à permanência*. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

DA SILVA, Givânia Maria et al. (Ed.). Educação quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. Editora Jandaíra, 2022.

DE SOUZA OLIVEIRA, Gabriel Couto, Mirela Guimarães Gonçalves. UMA ANÁLISE SOBRE AS COTAS RACIAIS NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. *Revista Científica UNIFAGOC-Jurídica*, v. 9, n. 1, 2024.

DOS SANTOS, Monica Pereira. Inclusão e interculturalidade no ensino superior: uma análise omnilética das concepções de gestores de uma universidade pública brasileira: Inclusion and



interculturality in higher education: an omnilectical analysis of the conceptions of managers of a Brazilian public university. *Revista Cocar*, n. 13, 2022.

DOS SANTOS MAIA, Luiz Faustino. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO CONTEXTO DA ENFERMAGEM: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA PARA A SAÚDE INCLUSIVA. *RECIEN: Revista Científica de Enfermagem*, v. 14, n. 42, 2024.

ESTEVAM, Carolina et al. Programa de tutoria por pares no ensino superior: Estudo de caso Artigo. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 19, n. 2, p. 185-195, 2018.

FELDMANN, Marina Graziela; LIBÓRIO, Andréia Regina Silva Cabral. Estudantes quilombolas na educação superior: políticas afirmativas de acesso e permanência. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 31, n. 121, e0233911, 2023.

FREITAS, Ronilda Bordó de et al. Mulheres negras quilombolas e as políticas públicas afirmativas no ensino superior na Universidade Federal do Pará: escritórias de uma estudante negra quilombola. 2023.

FREDRICH, Valéria C. R.; COELHO, Ione C. M.; SANCHES, Luana da C. Desvelando o racismo na escola médica: experiências e enfrentamento do racismo por estudantes negros na graduação em Medicina. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 20, e00421184, 2022.

GALIETA, T. Pacto narcísico da branquitude na universidade: o racismo que exclui, oprime e violenta estudantes negros e indígenas. *Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, v. 5, n. 8, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/abatira/article/view/20638>. Acesso em: 16 dez. 2025.

LAKRA, R.; BHAYANI, S.; SULAIMAN, K. Cultural competency education in the medical curriculum to overcome health care disparities. *Proceedings (Baylor University Medical Center)*, v. 36, n. 5, p. 616–619, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/08998280.2023.2221126>.

MEIRELES, G. A. Acesso e permanência dos estudantes quilombolas do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Araçuaí por meio de ações afirmativas no ensino superior. 2020. Disponível em: <https://acervo.ufvjm.edu.br/server/api/core/bitstreams/7d8ab00e-5bb9-4693-b2de-eb7c5f7bccba/content>. Acesso em: 3 jul. 2025.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré et al. Discriminação racial: percepções e atitudes de estudantes de instituições de ensino superior. *Revista Aracê*, v. 7, n. 4, p. 16449–16468, 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev7n4-047>.

PRADO, D. S. do. Colonialidade do saber e resistências dos quilombolas brasileiros. *Amazônica: Revista de Antropologia*, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/15454>. Acesso em: 20 dez. 2025.

ROSSATO, M. et al. A configuração subjetiva das cotas raciais para estudantes cotistas no ensino superior. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 15, n. 43, 2024. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1517>. Acesso em: 4 dez. 2025.

SALVIANO, Jefferson dos Santos; MOREIRA, Ingrid Karise dos Santos. Narrativas de estudantes negros, indígenas e quilombolas do curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Araranguá. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/248609>. Acesso em: 5 dez. 2025.



SANTOS, Tânia Cristina. *Universidade, território e emancipação: quilombolas estudantes no ensino superior.* 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SANTOS, Jéssica Cristina Pereira. Framework de monitoramento das políticas de assistência estudantil em Institutos Federais. 2025.

SILVA, Natiene Ramos Ferreira da. *Racismo institucional e vivência universitária: reflexões sobre a saúde mental de estudantes negros e quilombolas em uma universidade pública.* 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

SILVA, Carolina Cavalcante Lins et al. Deputadas negras nas brechas do cis-tema e da branquitude: um olhar sobre as legislaturas de Robeyoncé Lima e Érica Malunguinho. 2023.

SILVA, Guilherme Henrique Gomes da. Equidade no acesso e permanência no ensino superior: o papel da educação matemática frente às políticas de ações afirmativas para grupos sub-representados. 2016.

SILVA, Vinicius Conceição Silva. Na gangorra entre negritude e branquitude: ações afirmativas, disputa do Estado Nacional e relações raciais no Brasil. 2025. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SIMON, Neal. The importance of diversity in medical education and global healthcare. *Sushruta*, v. 16, n. 2, 2025. DOI: <https://doi.org/10.38192/16.2.3>.

SOUZA, Dyana Helena de. Como a equidade racial está sendo implementada na formação em saúde?: pesquisa-intervenção nos cursos de graduação em Saúde Coletiva, Enfermagem e Medicina da Universidade de Brasília. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Transforming and scaling up health professionals' education and training.* Geneva: WHO, 2013.

Recebido em: XXXXXXXX

Aprovado em: XXXXXXXX